

# um duque malicioso

trilogia a sociedade dos duques decadentes / livro dois

madeline hunter

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Dedicado ao meu filho, Thomas*



## C A P Í T U L O U M



Lady Farnsworth deixou de se preocupar com a opinião das pessoas depois de o seu marido, o barão, ter falecido. Um mês depois do funeral, começou a vestir-se e a comportar-se como lhe aprouvia. Três anos mais tarde, os generosos membros da sociedade chamavam-lhe «original». Os restantes empregavam palavras mais cruéis.

Ninguém, contudo, aprovava a sua bizarra decisão de contratar uma secretária do sexo feminino. Alguns alegavam que era uma indicação de que a senhora ficara louca.

A secretária em questão, Amanda Waverly, não sentia senão gratidão pelo ato imprevisto da sua empregadora, em especial tendo em consideração que Lady Farnsworth a aceitara apesar das suas poucas referências. Amanda sentia por vezes alívio, juntamente com gratidão, dado que conhecia mais acerca do seu passado e carácter do que Lady Farnsworth alguma vez conheceria.

Essa história estava no fundo da mente de Amanda, enquanto trabalhava na sua secretária, na biblioteca de Lady Farnsworth, no final de maio. Utilizava a sua bela escrita para copiar um ensaio que Lady Farnsworth havia escrito. O documento-base conhecera muitas alterações e transições, pelo que tinha grande cuidado em incorporá-las

a todas no seu rascunho. A concentração necessária revelou-se difícil, dado que a mais encantadora brisa deslizava através da janela aberta da biblioteca. Quando olhou para o exterior, pôde ver Green Street em toda a sua atividade, e as belas carruagens que rolavam em direção a Hyde Park. Preferia as carruagens abertas, porque lhe permitiam ver os gorros e vestidos usados pelas senhoras. Pedacos de conversa e de fofocas entravam pela janela enquanto passavam, mas ela apreciava o seu riso despreocupado. Criava uma pequena música que a pôs a trautear uma das suas canções preferidas.

Normalmente, a paisagem trazia-lhe contentamento ao bem que a vida lhe havia corrido, apesar das suas origens. Naquele dia, contudo, essa reação lançou a sua mente de imediato para a carta na sua bolsa, e para um recado que determinara fazer nessa tarde.

Essa missão poria, sem dúvida, fim à sua situação vantajosa, caso Lady Farnsworth alguma vez conhecesse os seus motivos.

— Já terminou?

Amanda ergueu os olhos e viu Lady Farnsworth erguer-se sobre ela. Com cabelo e olhos escuros, e já bem na meia-idade, a senhora preferia o tipo de vestido que servia apenas para incentivar o humor arrogante acerca dela. Declarando que as cinturas altas utilizadas naquele tempo pareciam tristes nas figuras maduras, decidira-se a utilizar vestidos que se pareciam com os que haviam sido usados há quarenta anos.

Dado que se recusava a utilizar os corpetes de outros tempos, considerando-os demasiado desconfortáveis, aqueles vestidos faziam-na parecer ainda mais matrona do que alguma vez teria parecido se utilizasse a mais recente moda.

Sobre estes vestidos repletos de rendas, folhos e fitas, envolvia-se, normalmente, com um xaile comprido. Lançava uma das pontas sobre o ombro oposto como uma toga. Naquele dia, as suas roupas eram de uma seda cor-de-rosa adornada com bordados azuis e rendas brancas, tudo isto sob um xaile multicolorido repleto de flores pastel de padrões detalhados. O tecido do xaile tinha uma infeliz semelhança com as flores que decoravam os móveis estofados do seu quarto.

— Estou quase a terminar. — Amanda concentrou-se na sua caneta. — Talvez mais uma hora.

— Para o primeiro rascunho? Não está bem? Normalmente é mais rápida.

— Houve muitas alterações. No entanto, terminei as duas cartas.

— Permita-me que as veja. — Uma mão forte estendeu-se sob o nariz de Amanda e agarrou nos papéis. — Disparate. Não precisa de uma hora. Um quarto de hora na melhor das hipóteses, e estas estão tão bem feitas que não será necessário reescrevê-las. Levaremos estas à reunião.

— Levaremos?

— Não lhe disse? Quero que me acompanhe para que possa apresentá-la. — Dirigiu um olhar crítico ao estilo de Amanda. — Porque tem vestida essa triste coisa verde? Dei-lhe alguns dos meus vestidos para que pudesse refazê-los e não ter de viver nessa cor que tão pouco a favorece.

— Agradeço os seus presentes. De verdade. Como já viu antes, faço bom uso deles. No entanto, não queria sujar nenhum deles de tinta. — Falou sem hesitar, pese embora tivesse utilizado aquele velho vestido por uma razão diferente e, de qualquer modo, colocasse sempre um avental.

— Terá de servir para a nossa visita. Nenhum dos presentes se importará, mas fica tão encantadora quando não se apresenta tão pobremente. — Lady Farnsworth deu-lhe uma palmadinha na cabeça como faria uma tia gentil. — Todos sabem o tesouro que encontrei em si, menina Waverly, e quão útil e competente é. Isso é tudo o que irá importar.

— Tencionava fazer umas compras enquanto ia à sua reunião. Ainda será possível?

— As lojas perto de Bedford Square devem servir os seus propósitos. Não necessitaremos de si durante mais de um quarto de hora. Agora acabe para que possamos partir em boa hora. Oh, e assine as cartas por mim. Atrevo-me a dizer que o faz melhor do que eu, e também não quero sujar o meu vestido de tinta.

*Precisam de mim para quê?* Amanda presumiu que tudo se revelaria em devido tempo. Algo que requereria apenas um quarto de hora. Esperou que não demorasse mais do que isso, embora Bedford Square fosse muito conveniente para aquilo que tinha a fazer. Tão conveniente que parecia que a sorte lhe havia sorrido.

Olhou de relance para a sua simples bolsa de malha. A carta no interior, retirada do correio que chegara na noite anterior, praticamente gritava o seu conteúdo.

Fora demasiado otimista ao pensar que, obedecendo a uma ordem, lhe poderiam ter sido poupadas mais. O gume férreo da rebelião er-gueu-se nela perante a forma como estava a ser usada, e como prova de que o esquema ainda não estava terminado. Enquanto não descobrisse o nome da pessoa por detrás de tudo, teria de continuar a acatar as suas ordens. A liberdade da mãe, talvez até a sua vida, dependia dela.

**G**abriel St. James, duque de Langford, espumava de impaciência enquanto a sua carruagem rolava lentamente para leste através da cidade. Àquele ritmo, a sua visita demoraria a tarde toda.

O lento avanço prenunciava um estado de espírito longe de brilhante para os acontecimentos daquele dia. Estava francamente cansado das pessoas a darem-lhe os parabéns por ter feito aquilo que, por nascimento e herança, era o seu dever. Os sorrisos e agradecimentos eram diabolicamente paternalistas. Se tivesse sabido que pronunciar aquele discurso na Câmara dos Lordes na semana anterior resultaria numa aprovação arrogante, teria afogado a moção numa garrafa de bom vinho clarete.

Agora ali estava, a sofrer porque o seu jovem irmão tinha comprado uma casa tão fora de caminho.

Porque não tinha Harry permanecido onde estava à mão, na casa de família? Havia espaço mais do que suficiente. Ou, se continuasse a insistir nas suas ideias descabidas de independência, poderia ter optado por uns aposentos ou uma casa em Mayfair. Mas não, Harry tinha de exibir a sua confusa excentricidade escolhendo uma casa da cidade perto do Museu Britânico. Nem sequer se tratava de precisar de o visitar. Já lá fora tantas vezes que o mais certo era que conhecesse de cor cada artigo do seu inventário.

Sentindo-se contrariado pelo mundo em geral, Gabriel tentava distrair-se planeando alguns dias de excesso decadente. O deboche sem restrições sempre o fizera sentir-se melhor. Tencionava atrair uma certa senhora para desfrutar da indulgência com ele. Até ali havia-se revelado envergonhada, mas sabia reconhecer o progresso quando o

via, e no seu último encontro os seus olhos haviam revelado os sinais certos.

A carruagem virou e ganhou alguma velocidade. Não o suficiente, contudo. Gabriel amaldiçoou-se por não ter ido a cavalo. Isso era sempre mais rápido.

Por fim, a carruagem parou em frente da casa da cidade do seu irmão em Bainbridge Street. Gabriel desceu e fitou a fachada.

Não gostava daquela casa e não era apenas por ser inconveniente. Erguendo-se ali sozinha, a sua fachada de tijolo e os travessões e para-peitos das janelas de calcário podiam estar à altura, ainda que, com os seus três pisos, dificilmente se pudesse considerar a casa de um lorde.

O problema era o edifício seguinte naquela rua. Uma casa enorme, propriedade de Sir Malcolm Nutley, erguia-se logo ao lado da de Harry. Era uma casa velha, que fora concebida nos tempos em que as casas não conheciam restrições. Uma abundância de entalhes em pedra marcava a sua idade e fazia-a parecer ainda mais imponente. Diminuíam ainda mais a modesta casa de tijolo ao seu lado.

O efeito podia ser visto na reação da mulher que parara para fitar a arquitetura. Uma criada, tendo em conta o aspeto do seu vestido verde simples, ergueu a cabeça até a aba do seu chapéu de palha apontar para as nuvens. A mansão cinzenta antiquada deve tê-la impressionado, pois ela dirigiu-se ao canto mais distante para olhar de novo.

Gabriel virou a sua atenção para a questão que ali o levava. Tratava-se de uma visita fraternal. Uma questão de dever mas também de afeto. O coração de Harry fora partido pela primeira vez e era pouco provável que ele soubesse o que fazer com a desilusão.

Gabriel, por outro lado, possuía uma experiência vasta e profunda em questões do coração. Por inconveniente que isso fosse, claro que tinha de percorrer toda a cidade para ajudar Harry.

A casa parecia fechada. Amanda examinou-a enquanto metade da sua mente pensava no quarto de hora peculiar que acabara de passar numa outra casa, em Bedford Square.

Uma mulher loura, bela e delicada, de seu nome Sr.<sup>a</sup> Galbreath, tinha-a saudado e a Lady Farnsworth. Em seguida sentaram-se numa biblioteca com demasiadas cadeiras e divãs enquanto a Sr.<sup>a</sup> Galbreath



colocava gentilmente algumas perguntas a Amanda. Era o tipo de questões que se poderia colocar a alguém que se acabara de conhecer, mas um pouco mais argutas.

Não soubesse ela melhor, teria suscitado de que estava a ser considerada para uma nova posição. No entanto, Lady Farnsworth tê-la-ia avisado caso pretendesse pôr fim aos seus serviços. De facto, Lady Farnsworth observara com uma expressão de indulgência. Só no final referiu que a Sr.<sup>a</sup> Galbreath era a editora da *Parnassus*, a revista para a qual escrevia. A Sr.<sup>a</sup> Galbreath, por seu lado, referira um possível encontro para breve. Em seguida, Lady Farnsworth permitira-lhe sair para as compras.

Obrigou-se a parar de pensar naquela reunião peculiar e dedicou toda a sua atenção à casa grande para onde estava a olhar. Passou o cesto das compras repleto de artigos domésticos básicos para o braço direito, de modo que se tornasse visível a quem estivesse na casa. Ninguém no interior se perguntaria porque é que uma mulher envergando um tão pobre vestido parara para fitar aquela mansão no seu caminho para casa vinda das compras.

Ajudava que Sir Malcolm Nutley vivesse numa casa enorme digna de nota. Devia ser do tempo do Rei Charles. Nada em Mayfair tinha aquele aspeto, e até as famosas mansões londrinas, como Montagu House e Somerset House, exibiam menos excentricidade. Juntamente com a decoração excessiva, aquela casa também exibia uma massa considerável. Nem conseguia imaginar quantos quartos teria.

A carruagem que parara na casa ao lado ainda ali se encontrava. Vira um homem alto e elegante sair e fazer uma pausa ao mesmo tempo que olhava de relance para a pilha de pedras do seu vizinho. Também olhara de relance para ela, mas sem qualquer desconfiança.

Ela, por seu lado, reparara nele. Qualquer pessoa repararia. Tendo em consideração a roupa e a equipagem, era extremamente rico. Possuía os olhos mais azuis que alguma vez vira. Levava o chapéu na mão. E ainda bem que o fazia. Amanda duvidava que este se instalasse com facilidade nos caracóis escuros, espessos e elegantemente despen-teados que lhe decoravam a cabeça.

Entrava agora na casa. Ela caminhou na direção da carruagem,

mantendo o olhar fixo na residência de Sir Malcolm. Um laçao encostava-se ao lado da carruagem enquanto o cocheiro mexia nas rédeas do cavalo.

Ela aproximou-se o suficiente para que o cocheiro de cabelo cinzento reparasse nela. Ele acenou-lhe e sorriu. Ela apontou para a casa grande.

— Sabe quem vive aqui?

— Essa é a casa de Sir Malcolm. Sir Malcolm Nutley. Um tipo idoso. É a casa de família. Não se veem muitas assim. Tem algo de papista. Não é do meu agrado, mas eu sou um homem simples.

— É bastante elegante e impressionante, mas também não é do meu gosto. Prefiro esta de tijolo. Suponho que seja habitada por um mercador.

O cocheiro sorriu.

— Acha que o homem que aqui trouxe parecia um mercador?

— A casa é dele?

— Não, mas também não é o tipo de pessoa que visite um mercador. Se eu tivesse uma diligência em vez desta carruagem, saberia aquilo que quero dizer. — Inclinou-se num tom de confidencialidade e apontou com o polegar para a casa de tijolo. — Aqui vive o irmão de um duque, e foi o próprio duque que acabou de ver entrar.

— Oh, meu Deus! Tenho a certeza de que nunca vi um duque. A minha amiga Katherine vai ficar tão espantada. Pode dizer-me qual era? Se eu não souber, o mais certo é que ela não acredite em mim.

— Langford. O irmão que vive aqui é Lord Harold St. James.

Ela olhou de novo para a casa grande.

— Eu esperaria que um lorde vivesse naquela.

— Bem, Lord Harold é... — Ele esfregou o queixo enquanto procurava a palavra certa. — Diferente. Suponho que não seja o tipo de pessoa que repare muito naquilo que o rodeia. Esta casa, provavelmente, serve-lhe na perfeição. Não precisa de muitos criados nem de outras pessoas a incomodá-lo e assim.

— Ele bem pode ser um lorde, mas eu preferiria ver o interior da casa de Sir Malcolm. Imagino que seja muito grandiosa.

— O mais certo é ser muito poeirenta. Sir Malcolm ainda não

regressou à cidade desde que partiu no verão passado. Está doente, pelo que ouvi. Deixou-se ficar no campo onde o ar é melhor.

A casa estava, de facto, fechada. Que golpe de sorte.

— Talvez, não estando a família a residir, a criada me deixe ver a casa por dentro.

Ele dirigiu um olhar demorado às roupas dela.

— És arrojada, não és? Aposto uma libra em como jamais o permitirá.

— Não custa nada tentar.

— Faz como quiseres.

— Apresentar-me-ei na entrada de serviço. A minha amiga Katherine ficará com tantos ciúmes se eu conseguir. Depois dir-me-á que tenho mais coragem do que bom senso. É o que diz sempre. — Ela virou-se para a casa grande. — O pior que me pode acontecer é mandarem-me embora.

Amanda sentiu o olhar do cocheiro enquanto se aproximava do portão do lado da casa. Avançou, seguindo pelo caminho estreito que contornava a casa e levava ao jardim. Uma vez fechado o portão, parou.

O caminho era bastante estreito, quase não tinha um metro de largura, e ao longo do outro lado corria um muro alto que separava aquela propriedade da de Lord Harold. Ela virou a atenção para as janelas por cima de si. Até as do primeiro piso estavam a uns bons sete metros e meio de altura.

Tocou com o dedo na pedra do lado da casa, apercebendo-se da profundidade da argamassa entre as pedras rústicas dos cantos do edifício. Fitou os parapeitos profundos das janelas por cima de si. Enquanto percorria o caminho, viu que as janelas estavam não só trancadas como gradeadas. Dobrou a esquina da casa e encontrou a entrada de serviço.

Ninguém respondeu quando bateu. Curvou-se para espreitar pela janela. A cozinha não parecia usada. Não havia alimentos sobre a mesa, nem facas espalhadas. Nada. Ao que parecia, não trabalhava ali qualquer cozinheira quando Sir Malcolm partia para o campo. Não havendo cozinheira, provavelmente também não havia mais do que uma mão-cheia de criados.

Nunca acreditara realmente que uma criada lhe permitisse ver a

casa, mas valia a pena tentar. Como teria sido mais fácil a sua tarefa nesse caso. Dois minutos de distração e... feito.

Examinou a porta em si. Era feita de madeira sólida, com dobradiças que indicavam que abria para dentro. Três trancas mantinham-na fechada. Não se admiraria se, pelo lado de dentro, existisse ainda uma trave. Sir Malcolm não deixava nada ao acaso. Provavelmente sabia que uma casa como aquela atraía ladrões, e a sua não ficava num bairro como Mayfair.

Não havia forma fácil de entrar. Isso significava que ela teria de usar uma difícil.

Regressou ao carro. Desta feita, enquanto percorria lentamente o seu comprimento, examinou a casa de tijolo ao lado.

— Não acho sensato da tua parte deixares de imediato a cidade. — Gabriel deu voz aos seus pensamentos enquanto observava Harry a enfiar camisas numa mala. Pensar-se-ia que Harry não tinha um criado de quarto, e de facto não tinha. No entanto, tinha um criado que podia fazer as malas por ele, mas o homem estava noutro lado, a fazer uma qualquer tarefa genérica adequada aos criados.

— Não consigo pensar em nenhuma razão para ficar — murmurou Harry.

— Cedes demasiado prontamente à desilusão. És demasiado rápido a admitir a derrota.

Harry parou de fazer as malas. Olhou de relance para a mala, depois para Gabriel.

— Vi-a a beijar outro homem na noite passada, ao fundo daquele camarote no teatro.

— Então fala com ela. Depois de todo o tempo que passaste a cortejá-la...

— Aparentemente, Emilia não o viu como um cortejar. — Falava amargamente. — Já devia saber que, depois do casamento da irmã, a partir do momento em que fizesse a sua entrada na sociedade, isto iria acontecer. Na verdade, já o sabia. Sentia-o no meu coração. É melhor que me ponha a andar. Recuso-me a ser um daqueles pretendentes rejeitados que se sentam num canto das salas de estar, com um ar poético e miserável.

Gabriel tinha de sorrir. Mesmo quando estava de bom humor, Harry parecia um pouco poético e miserável. Tinha mais que ver com a sua natureza séria e contemplativa do que com as suas qualidades físicas.

Em termos de aparência tinham muito em comum e, provavelmente, teriam ainda mais à medida que Harry fosse envelhecendo. Os mesmos olhos azuis e o mesmo cabelo escuro, o mesmo maxilar e boca. Harry tinha menos dois centímetros e meio de altura, mas não deixava de ser mais alto do que a maior parte dos homens.

Dez anos separavam-nos. O irmão viera tarde, depois de os pais terem desistido. Para além dos seus rostos, pouco tinham em comum. Harry enterrara-se em livros mal aprendera a ler. Mostrara pouco interesse pelos prazeres de Londres e, não fora por aquele caso, nenhum interesse por mulheres.

Gabriel sabia que, apesar de toda aquela bravata, o irmão sentia agora o tipo de dor que se sente apenas quando uma paixão corre mal. Observá-lo evocou algumas memórias dos seus anos de juventude, quando conhecera igual fogo. Ardia no peito, ao mesmo tempo que consumia o coração.

Harry levou as mãos a mais uma pilha de roupa, depois parou. Empurrou os óculos mais para cima no nariz.

— Eu falei com ela, Gabe. Antes de ela deixar o teatro.

— O que é que ela te disse?

— Ela foi doce e afetuosa, mas... — Ele encolheu os ombros e dirigiu-lhe um sorriso enviesado, sarcástico. — Ela disse-me que passara a ver-me como um irmão.

Raios. Maldição. Gabriel tentou conter a reação, afastando-a do rosto. Aquelas palavras ditavam a desgraça. Era a mesma coisa que dizer: *A ideia de uma paixão contigo é-me repelente como se fosse anormal.*

Harry recomeçou a fazer as malas. Gabriel aproximou-se, afastou as mãos do irmão e pousou a mala mais longe.

— Então está terminado. Paciência. Acontece. Haverá outras raparigas.

— Nenhuma tão bela, tão angélica, tão...

— Igualmente bela, igualmente angélica, igualmente bem-nascida, igualmente amistosa. Confia em mim, há por aí um rio de feminilidade

e o truque não é encontrar uma para amar, mas evitar todas aquelas que estão à procura de amor. És o filho de um duque, raios, com uma fortuna significativa, e és quase tão belo quanto eu, o que é dizer muito.

Harry riu-se por breves instantes, o que deu a Gabriel mais coragem.

— Ainda assim, preciso de deixar a cidade por algum tempo.

— Ordeno-te que fiques por mais três dias. Não te fica bem virares costas e fugir só porque uma rapariga te recusou. É pouco masculino.

— Três dias será uma eternidade, sabendo que ela está aqui.

— Três dias são apenas três dias. Irás até ao teu clube e falarás acerca de história ou... — Acenou na direção de um baú repleto de livros num canto do quarto de vestir. — Ou do que raio está naquilo. Irás cavalgar até ao parque comigo, amanhã, e sorrir para todas as belas raparigas e mulheres. E assistirás ao baile de máscaras de Lady Hamilton.

— Não iria a esse baile nem mesmo se Emilia ainda me amasse.

— Disparate. Irias até lá para poderes roubar um beijo na varanda. Por isso continuarás a ir.

— Vê-la-ei lá, e não quero.

— Sim, vê-la-ás. Convidá-la-ás para dançar e conversarás com ela sobre coisas parvas como sempre fizeste.

Harry deixou-se cair numa cadeira. Fechou os olhos.

— Preferia ir para o campo.

— Irás na manhã a seguir ao baile. Poderás enterrar-te lá para sempre, e escrever o teu livro ou o que quer que queiras fazer. Poderás embriagar-te durante um mês se quiseres. Mas, até lá, irás enfrentar a situação e mostrar-te na sociedade.

Harry não abriu os olhos, mas, ao fim de alguns momentos, acenou com a cabeça. Parecia muito jovem ali sentado, ainda mais jovem do que os seus vinte e dois anos. Se Harry fosse verdadeiramente jovem, Gabriel sabia que lidaria com aquilo de um modo diferente. Teria sido menos brusco. Talvez até o tivesse abraçado como quando Harry era um rapaz e ficava triste em relação a alguma coisa.

Só que ele já não era um rapaz, pois não? Ainda assim, Gabriel desejou poder-lhe oferecer um maior conforto.

— Tenho de ir. Estou certo de que preferes ficar sozinho. Se quiseres vir jantar esta noite, junta-te a mim. Ainda é a tua casa.

— Sou capaz de o fazer. Veremos.

— Iremos andar a cavalo amanhã às cinco horas. — Pegou no seu chapéu e nas suas luvas.

— Obrigado por me teres vindo visitar, Gabe.

— É para isso que servem os irmãos. — Dirigiu-se à porta, depois parou. — Ouve, se as tuas emoções em relação a esta questão te fizeram perder a compostura, não te sintas envergonhado com isso. As primeiras desilusões amorosas são um inferno.

## CAPÍTULO DOIS



**D**ois dias depois, às seis horas, Amanda fechou o seu tinteiro e limpou a caneta. Empilhou cuidadosamente as páginas que havia copiado num dos lados da secretária, colocou algumas contas numa pasta e em seguida pegou nesta e foi em busca de Lady Farnsworth.

Descobriu-a nos seus aposentos, à sua própria secretária, escrevendo qualquer coisa ao mesmo tempo que exibia um profundo franzir de sobrolho. Parecia tratar-se de outra carta. Amanda reparou na saudação dirigida ao duque de Wellington.

Já não a surpreendia o facto de Lady Farnsworth ter amigos do sexo masculino da maior reputação. Alguns tinham-na, inclusivamente, visitado nos cinco meses desde que Amanda chegara. Sentavam-se na sala de estar e debatiam política e outros tópicos sofisticados. Aqueles cavalheiros pareciam tomar as suas opiniões em séria conta.

Por vezes, Amanda sentava-se na sala de estar com eles. Lady Farnsworth dizia que era para sua educação, e de facto o mundo de Amanda expandira-se em resultado disso. Desconfiava que a verdadeira razão para a sua presença era Lady Farnsworth ter mais um par de ouvidos a escutar aquilo que dizia e mais uma pessoa que pudesse confirmar a sua própria memória da conversa.



— Ah, traga a pasta. As contas estão todas em ordem?

— O merceiro voltou a enganar-se. Corrigi essa conta. As restantes despesas foram apontadas no livro-razão.

Lady Farnsworth aceitou o livro e pousou-o ao seu lado. Entregaria o dinheiro a Amanda para pagar aos mercadores quando assim decidisse, mas Amanda apercebera-se, depois de ter assumido aquele dever, de que a senhora nunca chegava realmente a verificar as contas. Lady Farnsworth confiava que tudo seria feito corretamente.

E era. O que não significa que Amanda não tivesse visto de imediato que, caso fosse pessoa para ser desonesta, os meios para lhe tomar cinco xelins ou algo assim, todas as semanas, estava ao seu alcance.

— Já reparei que o merceiro comete frequentemente esses erros, minha senhora. Talvez devêssemos usar outra loja.

— O Hanson é meramente descuidado, estou certa.

— É descuidado em todas as contas, de um modo inteligente.

Lady Farnsworth virou os seus olhos escuros para ela.

— É bastante desconfiada, menina Waverly.

— Não seria desconfiada se todos os erros não fossem a favor dele. Devia esforçar-se por ser descuidado a seu favor de quando em vez, se é que é de todo descuidado.

— É simpático da sua parte mostrar-se tão preocupada, mas com o seu olho atento, merceiro algum se aproveitará.

— Acho que vou sugerir que ele encontre também um par de olhos atentos para o ajudar.

— Pode fazer isso. É possível que o pobre homem esteja apenas com excesso de trabalho e cansado.

Que mulher de bom coração e otimista.

— Sairei agora, se não precisar mais de mim.

Lady Farnsworth pousou a caneta.

— Antes de sair, quero que saiba que amanhã se deve vestir melhor. Iremos regressar a Bedford Square e será apresentada à patrona da revista. É uma senhora da maior distinção. Não quero que pareça um ratinho pobre.

— O que quer comigo uma tal senhora? Ela sabe quem sou, não sabe? — Era como se Lady Farnsworth presumisse que, se gostava da companhia da sua secretária, todos iriam gostar, quando, de facto,

no seu próprio círculo ninguém estaria interessado em conhecer a secretária.

— Ela está consciente do seu emprego. Acha interessante o facto de eu ter contratado uma mulher. É uma espécie de curiosidade, minha querida. — Ela baixou os olhos para a carta. — Terei de refazer isto por completo. Temo que, uma vez mais, não parei de mudar de ideias quanto ao fraseado, e agora questiono a sua ênfase. Pensarei sobre ela e terminarei amanhã à noite.

— Nesse caso tenciona escrever amanhã à noite. — Amanda nem acreditava na sua boa sorte, por Lady Farnsworth ter aberto a porta àquele tema. Tinha estado a debater como haveria de o fazer. — Pensei que fosse assistir àquele grande baile. Pensei que todos os que eram alguém iriam estar presentes. Até nas lojas se fala sobre ele.

— O baile de Lady Hamilton? Deus do céu, não. Detesto bailes de máscaras. Que tontice. Já para não dizer que todo o tipo de pessoas consegue entrar. Até os licenciosos comparecem. Os cavalheiros acham que isso é extremamente divertido, mas passo bem sem comer ao lado de uma prostituta, muito obrigada.

— Talvez a patrona da revista compareça e depois lhe conte o que aconteceu, já que a vê frequentemente.

— Ah, lamento não ter histórias para si. — Inclinou a cabeça e pensou. — Estou certa de que a senhora também não irá. Amanhã verá porquê. No entanto, poderei recolher os rumores noutro lado, se a divertem. — Pegou na caneta. — Agora pode ir, e tenha cuidado. Preocupo-me quando anda sozinha pela cidade, menina Waverly. Era melhor se vivesse aqui, como lhe ofereci, mas aceito a sua relutância em se tornar demasiado dependente em relação a uma patroa.

Amanda deixou a casa para seguir para a sua. De caminho, fez um pequeno desvio e entrou na mercearia de Henson. Uma loja favorecida pela elite de Mayfair, o estabelecimento aproveitava o seu longo *pedigree* tanto quanto as sacas de café, farinha e sal. O atual Sr. Hanson tinha herdado a loja e a clientela do seu pai.

Amanda fingiu considerar os produtos à venda até os restantes clientes terminarem os seus negócios e deixarem a loja. O Sr. Hanson virou então a sua atenção para ela. Um homem alto e magro, com um farto cabelo vermelho, não teve qualquer problema em fitá-la de

cima, a partir do momento em que reparou nos seus trajes simples. As sobrancelhas ruivas ergueram-se o suficiente para indicar que ela se tinha enganado e entrado no estabelecimento errado.

— Sou Amanda Waverly, senhor Hanson. Tenho vindo a servir Lady Farnsworth durante os últimos cinco meses enquanto secretária. É provável que não se lembre de que sou eu que trago os seus pagamentos.

Ele dirigiu-lhe um ligeiro aceno de cabeça, e as suas sobrancelhas desceram.

— Também mantenho as suas contas. Achei que lhe devia dizer que quem quer que esteja a fazer as *suas* contas precisa de ter mais atenção. Todas as contas que a minha senhora recebe mostram pequenas alterações que tenho de corrigir.

— Na verdade? Lady Farnsworth é uma cliente muito estimada. Fico destroçado por isso estar a acontecer. — Não parecia nada destroçado. Um pouco irritado, mas não perturbado.

— Não se trata de descuido. É deliberado. Um um que se transforma num sete, um nove que se transforma num zero. Alguém que não esteja a prestar cuidadosa atenção provavelmente não repararia. Em suma, meu senhor, a pessoa que está a enviar essas contas tem a mente de um ladrão, e isso pode conduzir ao escândalo, à ruína e à destruição de um estabelecimento como o seu.

As faces dele ficaram manchadas de vermelho.

— Achei que devia saber. Seria uma pena se aquilo por que a sua família tanto trabalhou se perdesse devido a um empregado que cede à tentação.

O franzir de sobrolho profundo do merceeiro provocou uma fusão das sobrancelhas.

— Ainda bem que se deu ao trabalho de me abordar. Verei do que se trata e farei com que termine.

— É sábio da sua parte. Nem todos os clientes são tão otimistas em relação à natureza humana quanto a minha senhora. Se isto também estiver a acontecer com outros, algum deles poderá começar a passar informações contra *si*. Isso seria muito infeliz. — Ela dirigiu-lhe um olhar seco mas direto.

Agora ele parecia destroçado.

— Assegurar-me-ei de que a conta estará sempre correta de futuro. Eu próprio a verificarei.

— Que bom da sua parte. Tenha um bom dia. — Ela partiu, satisfeita que o Sr. Hanson se corrigiria. Caso Lady Farnsworth viesse a empregar outra pessoa para tratar das suas contas, mais ninguém se aproveitaria da sua boa natureza.

**D**uas horas mais tarde, no quarto que tinha alugado em Girard Street, Amanda fitou os vestidos que havia exposto sobre a cama estreita. Despejou o conteúdo do seu cesto de compras sobre a coberta.

Aqueles eram os vestidos mais elegantes que Lady Farnsworth lhe dera, porque eram todos do estilo antiquado da senhora. Normalmente, a criada de Lady Farnsworth, Felice, recebia aqueles vestidos abandonados, mas tinha uma idade em que já não tinha utilidade para velharias, como lhe chamava, e era demasiado orgulhosa para vender roupas usadas aos negociantes que se especializavam em tais coisas.

Amanda aceitava sempre, com gratidão, aqueles vestidos, e trabalhava durante horas a refazê-los o melhor que podia, transformando-os em algo mais atual subindo as cinturas e cortando vários metros às saias. Alguns, contudo, jamais seriam adaptáveis. Eram esses que tinha espalhado sobre a cama.

O Sol que se punha iluminava-os em toda a sua glória fora de moda. Fluía através da pequena janela virada para sul aberta alto na parede do seu quarto na cave. Este fizera, outrora, parte da cozinha de um lar de família, antes de um dos donos ter dividido o edifício em pequenas residências em que dezenas de pessoas se apinhavam.

Ela descobrira benefícios inesperados de viver naquela cave em Girard Street. Ali, o ruído dessas famílias escapava-lhe. A grande lareira da antiga cozinha aquecia-a quando ela tinha disponibilidade para comprar combustível, e as paredes estucadas impediam a entrada da humidade. Um quarto contíguo ao dela tinha a única banheira do edifício, utilizada por todos na casa. Conseguia ouvir lá alguém naquele momento, batendo a porta do jardim enquanto transportava a água do velho poço nas traseiras. Viver na cave significava poder utilizar a banheira quando lhe apetecia.

Podia pagar um pouco mais, mas via pouca necessidade em gastar

o dinheiro nisso. Um espaço com uma cama e uma lareira serviam-lhe perfeitamente, e podia poupar o ordenado para outras coisas. Um dia, podia até cumprir o seu sonho de viajar para a América... um lugar onde ninguém viria a conhecer o seu passado.

Claro que isso aconteceria apenas depois de terminar as tarefas que lhe eram atualmente exigidas em nome da mãe, e conseguir evitar o cárcere ao fazê-lo. Estava determinada a fazer daquela a última demanda. O plano que concebera poderia, caso corresse, mesmo que ligeiramente, mal, custar-lhe mais do que o preço de uma má consciência e alguns víveres. Aquele jogo perigoso não podia continuar.

De nada lhe servia perder-se a pensar em potenciais falhas. A sua arrojada missão requeria bravata. Pensamento hesitante ou cálculo dos custos conduziriam meramente ao falhanço.

Cantou para si mesma enquanto colocava entre os vestidos a mais dispendiosa das suas aquisições. Uma máscara branca que havia comprado num armazém. Cobria-lhe quase todo o rosto, descendo inclusivamente ao longo das bochechas, de tal modo que apenas os olhos, nariz, boca e queixo eram revelados. Agora tinha de decidir qual dos vestidos a complementava melhor.

Considerou uma combinação que a fizesse passar por um membro do antigo regime francês. No entanto, seriam necessários mais adornos, e ela não tinha tempo para os retirar de outros vestidos e coser naquele. Decidiu que, se removesse a sobressaia e prendesse pedaços de renda ao final das mangas, o vestido cor-de-rosa, só por si, poderia fazer as vezes de uma simples pastorinha.

— Amanda, ouço-te a cantar aí. Posso entrar?

A voz de Katherine, abafada pela parede entre o seu quarto e o banho ao lado, fê-la despertar dos seus pensamentos.

— Queres aquecer a água do banho?

— Se pudesse.

— Trá-la.

Katherine vivia no último andar. O ar no seu quarto podia ser melhor, mas Amanda não invejava o facto de ter de subir todas aquelas escadas várias vezes por dia.

A porta abriu-se e Katherine entrou, transportando consigo dois

baldes de água. Os seus caracóis ruivos saltitavam ao ritmo do seu passo desajeitado.

— Devia ser contra a lei nunca ter combustível suficiente numa casa de banho. Será que ele está à espera de que usemos a água fria do poço? — Pousou os baldes junto à pedra da lareira. Amanda aproximou-se e lançou algum combustível para o fogo baixo.

— O que é isto? — perguntou Katherine. Erguia-se entre duas marcas de giz no chão de madeira despido.

— Estava a pensar comprar um baú que vi na loja do senhor Carew, e perguntei-me se caberia. — Oh, com que facilidade ela mentia. Aquela habilidade regressara-lhe rapidamente. Esperava que acontecesse o mesmo com as outras.

— É enorme. Não podes deixá-lo aqui. Ficaria no caminho.

— Suponho que sim. Terei de pensar noutra coisa.

Katherine perdeu o interesse nas marcas de giz e dirigiu-se à cama. Fitou os vestidos.

— Que belas coisas as tuas. Quem diria?

— São os vestidos fora de moda que a minha senhora já não quer, mas para o meu propósito servem. Tenho de fazer algumas alterações, contudo. Quero remover esta sobressaia. — Pegou nas tesouras.

— Não podes simplesmente cortá-lo. Vai ficar horrível, com pedaços da sobressaia espetados da costura.

— Devia levá-lo a uma modista, mas não tenho dinheiro para isso. Talvez possa esconder a confusão com o cordão deste.

Katherine segurou a saia à luz da janela. Virou-o de dentro para fora e examinou-a.

— Não deve ser muito difícil removê-lo adequadamente, se tiveres fio para voltar a coser a saia de baixo ao corpete.

— Tenho o fio, mas duvido que tenha a capacidade. Não se trata de uma costura comum.

— Não te ensinaram a coser naquela bela escola que frequentaste?

— Ensinaram-nos as aptidões com a agulha que se esperam das senhoras. Isto é mais substancial.

— Posso fazê-lo por ti. Fui aprendiz de modista durante alguns anos. — Ela encolheu os ombros. — Antes de James me ter atraído

para a minha queda, lá está. Agora sirvo cerveja e afasto os clientes bêbedos, mas ganho muito mais pelo meu tempo do que alguma vez ganharia a coser os vestidos das ricas senhoras sob uma luz fraca.

Amanda não sabia que ela fora aprendiz, mas sabia tudo acerca de sedutores mentirosos como James. Ela e Katherine tinham isso em comum. Tinha formado um rápido laço entre ambas.

— Se me puderes ajudar, beijar-te-ei os pés. Não te posso pagar muito...

— Deixas-me sempre aquecer aqui a água, não deixas? Claro que vou ajudar-te. Sinto-me magoada por não teres pedido. — Katherine alisou o corpete do vestido. — Não tens o espartilho certo para isto. Necessita de um espartilho como deve ser. O que tens provavelmente não é suficientemente comprido, ou firme à frente. Mostra-me o que tens e verei o que pode ser feito. — Continuou a examinar o vestido. — Não me cabe a mim perguntar, mas para que queres uma coisa tão antiquada?

— Vou assistir ao baile de máscaras de que todos falam.

Os olhos azuis de Katherine abriram-se muito.

— És corajosa! É pouco provável que consigas entrar.

— Cá me arranjarei. De qualquer maneira, não faz mal tentar.

— Que embaraçoso se te mandarem embora. Porquê dares-te a tanto trabalho para um insulto?

— Prefiro ver por mim mesma do que depender dos rumores dos que não viram. Além disso, poderei ter uma noite de música e boa comida, se o meu plano for bem-sucedido. Talvez o rei lá esteja. Isso não seria um espanto, Amanda Waverly na presença da realeza?

— Talvez um rico lorde te convide para dançar. E se isso acontecer, tens de ter cuidado. Este vestido mostra muito peito, e nós sabemos o que isso faz aos homens.

— Poderei permitir-lhe apenas um beijo, só para ver se são diferentes. Nunca me perdoarias se eu não descobrisse.

Katherine riu-se.

— Oh, quero saber, mas desconfio de que terá a mesma baba e confusão.

— Roubarei um bolo e trá-lo-ei para ti na minha bolsa.

— Suponho que um bocado de novilho e uma boa garrafa de vinho não cabem, pois não?

— Talvez consiga esconder um pouco na minha saia, é tão grande. Katherine começou a puxar pelo fio da costura.

— Tens mais coragem do que bom senso, boa sorte para ti. Ficarei à espera de saber todos os pormenores, se coser este vestido.

Meia hora mais tarde, tinham desmanchado o vestido. Katherine levou os seus baldes para o banho, mas prometeu regressar mais tarde e ajudar antes de ir para a taberna. Ofereceu-se para terminar o que quer que faltasse fazer no dia seguinte.

Amanda verificou as tarefas que tinha para cumprir antes da noite seguinte. Claro que ia conseguir entrar. Juntar-se-ia a um grande grupo e deslizaria sem problemas. Essa era a parte mais fácil.

Depois de entrar é que precisaria de sorte. Estava a contar que Lord Harold estivesse presente, ou tudo isto de nada serviria.

E depois contava ser suficientemente inteligente para o seduzir... pelo menos até certa altura.

**G**abriel não parava de fitar a multidão no baile, mas ao fazê-lo nunca perdia de vista Harry. Se lhe dessem oportunidade, o seu irmão fugiria.

Pelo menos a máscara obscurecia a infelicidade de Harry. Ele até conversou com alguns dos convidados. Suportava tudo, conforme combinado, mas Gabriel percebia que pensamentos sobre Emilia distraíam o seu irmão. Harry não parava de lançar olhares carregados de desejo na sua direção.

Os dois tinham dançado logo no início. Harry deve ter precisado de reunir toda a sua coragem para fingir que não se importava demasiado com o facto de a sua querida amiga não ser mais do que uma amiga, de futuro. Na perspetiva de Gabriel, comportara-se suficientemente bem.

Infelizmente, a preocupação de Harry com a sua infelicidade significava que não reparava na mulher que fazia todos os esforços para atrair a sua atenção.

Talvez uma mulher bonita. Era impossível perceber com aquela máscara a cobrir-lhe quase todo o rosto. A máscara atraía a atenção



para os seus lábios vermelhos. Talvez pintados, mas provocantes. Ela também tinha uma bela forma, realçada pelo corpete comprido e justo e pelo decote profundo.

— Devias parar de o observar. — Eric Marshall, duque de Brentworth, ofereceu o seu conselho depois de ter deslizado e seguido a direção do olhar de Gabriel. — Ele não é um rapazito, e não devias tratá-lo como tal.

— Se fosse um outro tipo de irmão, não me importaria com o seu comportamento. No entanto, sabes como é o Harry.

— Ele não é um homem mundano, isso é certo, mas não deixa de ser um homem. Não é sofisticado em questões de coração, mas isso advém da experiência.

— Não me parece que ele vá aprender grande coisa com esta experiência. Está uma mulher a tentar o seu melhor por lhe oferecer o único tipo de consolo que poderia ajudar e ele praticamente não repara nela. Mais valia ser invisível.

Brentworth virou igualmente a sua atenção para Harry. Sem dúvida o homem mais alto do baile, a diferença de alturas significava que, provavelmente, via ainda mais do que o próprio Gabriel.

Gabriel reparou que Brentworth o ultrapassara em termos de máscara, o que significava que não usava nenhuma. Nem mesmo a cobrir-lhe o rosto, como Gabriel fizera para ser educado. Vários homens haviam-se recusado a vestir-se como cavaleiros ou romanos, ou qualquer outro tipo de idiotas, e envergavam apenas as máscaras, mas Brentworth fora um passo mais além.

— Conhece-la, Langford? Foste tu quem a convenceu a fazer isto? Levar o teu irmão para um bordel quando ele tinha dezoito anos pode ser desculpado, mas continuares a interferir...

— Não sei quem é. Nem vejo nela qualquer aspeto familiar. — Normalmente, ele conhecia as mulheres nos bailes. Em acontecimentos como este, contudo, surgiam pessoas que não eram convidadas.

— Ela é persistente. Para onde quer que se vire, lá está ela.

Nesse preciso momento, Harry virou-se para avançar na direção dos músicos e, de facto, lá estava ela, no seu caminho. Desta vez conseguiu atraí-lo para uma conversa.

Brentworth encolheu os ombros.

— Eu diria que se trata de uma libertina.

— Apesar de toda a abordagem, não está a agir como tal. Talvez seja uma esposa infeliz em busca de aventura. Ou até uma lojista na esperança de encontrar um amante rico.

Gabriel detetava uma sensação de determinação por detrás daquela máscara branca, enquanto a jovem se inclinava para atrair Harry. Os caracóis negros empilhavam-se bem alto na sua cabeça e caíam numa cascata de espessos anéis para um dos lados. Um boné de folhos branco empoleirava-se no cocuruto e outros folhos enquadravam os topos redondos dos seios visíveis naquele decote. Se lhe dessem um cajado, ela pareceria uma pastora de porcelana trazida para a vida.

— Suponho que venham a encontrar algo em comum sem nós. — Brentwood avançou, bloqueando-lhe a visão. — Um discurso impressionante na semana passada, Langford. Lamento ter sido chamado para fora da cidade e não me ter sido possível expressar a minha admiração antes desta data. Raramente o primeiro discurso de um lorde é merecedor de ser ouvido. Quem diria que possuías tais dotes oratórios?

— Foi um prémio que ganhei na escola.

— Ah, sim. Que altas expectativas tinham todos, nessa altura, de que finalmente um duque de Langford falasse bem, e, com alguma sorte, com frequência. O que te possuiu para cumprires agora essa esperança, depois de anos de silêncio indiferente?

Brentworth, que exercia o seu poder com discrição, bom efeito e discursos bem regrados, podia, por vezes, mostrar-se terrivelmente superior.

— Tinha algo para dizer, por isso disse-o. O impulso foi mais forte do que eu.

— Não sou tolo ao ponto de acreditar que és assim tão dotado. Podes admitir que o ensaio de Lady Farnsworth naquela revista de senhoras no outono passado te envergonhou ao ponto de decidires ocupar-te com maior seriedade dos teus deveres. Ninguém deixou escapar que, neste último ano, assististe a muito mais sessões do que nunca no passado.

Maldito fosse se admitisse perante alguém que aquele maldito ensaio o tinha afetado. De um modo suficientemente insultuoso, aquela excêntrica Lady Farnsworth tinha feito tudo com exceção de referir

o seu nome na sua crítica. O pior de tudo, foi que intitulara o ensaio «Decadência preguiçosa entre a nobreza». Por diabólica má sorte, o ensaio surgira no mesmo número da revista que incluía todo o tipo de pormenores acerca de um escândalo enorme, o que significou que a revista gozou de um nível inusitadamente elevado de circulação e leitura. Tinha sido publicado há quase um ano, mas os homens continuavam a falar-lhe disso. Em especial quando estavam embriagados.

— Como já te disse, o ensaio de Lady Farnsworth nunca me interessou, com exceção do facto de, por vezes, me perguntar a que duque se referia ela.

— Seja qual for a razão, é bom ter-te nas sessões, ainda que, quando por fim falas, soes um pouco radical.

— Radical? É isso que tem sido dito?

— Há quem o diga. Os restantes limitam-se a esperar para ver.

— Que idiotas. Radical, o diabo.

Brentworth mudou de posição o suficiente para que Gabriel pudesse espreitar o irmão, que continuava envolvido numa conversa com aquela mulher. O rosto de Harry ficava vermelho. A atrevida devia estar, de facto, a tornar-se muito arrojada.

Harry virou a cabeça e o seu olhar ligou-se ao de Gabriel do outro lado do salão de baile. A mensagem por ele enviada não podia ser mais clara.

*Salva-me.*